

TERRA PARA QUE TE QUERO: FORTALECENDO UMA EXPERIÊNCIA COM AGRICULTURA ORGÂNICA A PARTIR DOS CAMPONESES ASSENTADOS DA APASA- PB

Maria de Fátima Ferreira Rodrigues¹
Cláudia Simoni Velozo da Silva²
Luiz Pereira de Sena³

RESUMO

O presente trabalho refere-se às experiências resultantes do projeto “Terra Para Que te Quero”, desenvolvido pelo Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba LOGEPA/UFPB com o apoio do CNPq/CT-Agro, da Comissão Pastoral da Terra e da Cáritas Nordeste. O projeto objetivou fortalecer a experiência da agricultura orgânica e ampliar a comercialização dos produtos que vêm sendo cultivados no Assentamento Apasa, localizado no município de Pitimbu, tendo como princípio norteador a sustentabilidade sócioambiental, nas bases da agroecologia. A utilização de técnicas agroecológicas tem se firmado como uma alternativa capaz de desenvolver sistemas agrícolas sustentáveis e proporcionar o desenvolvimento local de comunidades rurais. Os resultados obtidos tiveram cunho prático e acadêmico – No campo prático foram ministrados três cursos. No campo acadêmico foram apresentadas duas monografias de graduação.

Palavras-Chave: Agroecologia, Assentamento rural, Camponês

INTRODUÇÃO

O Assentamento Apasa tem uma história semelhante à maioria das áreas reformadas existentes no Brasil; é constituída por trabalhadores que ficaram anos em processo de luta em prol da Reforma Agrária. O início da luta por essa terra data da década de 1980, quando arrendatários e famílias sem-terras vindos de diversas partes, apoiados pela CPT-PB, ocuparam a fazenda Alhandra, a qual era dividida em quatro fazendas: Alhandra I, II, III e IV, pertencentes às empresas AGROTEC, PRESTEC E Apasa, de propriedade de Múcio Bezerra de Melo Filho (Apasa) e Eduardo Lacene Bandeira de Melo (PRESTEC), ambos herdeiros da família Lundgren, segundo a procuradoria do INCRA/PB.

A fazenda Alhandra era distribuída espacialmente entre os municípios de Alhandra e Pitimbu, ocupando uma área de 1.994,3ha.

O conflito teve início em 1986 quando um rendeiro resolveu levantar um barraco de taipa com cobertura de telha na sua gleba, sem o consentimento do dono das terras, seguido posteriormente por outros. Dá-se, então, início a um litígio na área, denunciado à época ao Ministério Extraordinário para o Desenvolvimento e Reforma Agrária - MIRAD, pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alhandra.

No período de ocupação da fazenda, as famílias foram coagidas pela força policial e pelos capangas contratados pelos proprietários da fazenda. No entanto, houve uma resistência por parte das famílias, que permaneceram na terra até a sua desapropriação. Passados nove anos de luta pela terra, a desapropriação foi obtida pela portaria nº 026 em 24 de janeiro de 1995 sendo que, em 31 de julho de 1995, o INCRA-PB homologou as

¹ Profa Adjunta do Depto de Geociências da UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

² Mestranda – PPGG/UFPB - João Pessoa/PB.

³ Técnico Agrícola – CTPT/PB – João Pessoa/PB.

terras, dando origem a dois Assentamentos: o Projeto de Assentamento (P.A.) Apasa, com 1.130,8ha e o Assentamento P.A. Nova Vida, com 894,0ha.

Após a desapropriação, o INCRA/PB demarcou a área em todo o seu perímetro, dividiu as parcelas, construiu 150 casas no sistema agrovila e instalou a rede elétrica que abastece a agrovila. Em 1999 foi construído um poço com 206m³ e uma caixa de água com capacidade para armazenar 50m³ de água que abastece a agrovila. Ambos foram construídos através de um convênio entre o INCRA e o 1º Batalhão de Engenharia de Construção - Batalhão Seridó, do Exército Brasileiro localizado em Caicó/RN.

A estratégia de resistência adotada por alguns camponeses do referido Assentamento compreende: a produção orgânica, o respeito aos princípios da agroecologia e a comercialização direta da produção ao consumidor, em uma feira agroecológica localizada no bairro do Bessa. A utilização de técnicas agroecológicas tem se firmado como uma alternativa capaz de desenvolver sistemas agrícolas sustentáveis e proporcionar o desenvolvimento local de comunidades rurais.

A Feira Agroecológica representa essa postura, que objetiva além da conservação dos recursos naturais, incentivado pela produção de alimentos orgânicos e a adesão a agroecologia, a melhoria na qualidade de vida. Organizada pela Cáritas Arquidiocesana da Paraíba, pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) e pelo Deputado Estadual Frei Anastácio, a feira recebe assistência técnica dos técnicos agrícolas Flávio Júnior Brito e Luiz Pereira de Sena, sob a coordenação atual de Luiz João da Silva.

Para se inserir nesse novo projeto os camponeses que comercializam os produtos agroecológicos na feira do Bessa, perceberam que a solução era buscar iniciativas de interação e cooperação em conjunto com diferentes instituições, dentre elas, órgãos governamentais, não governamentais e outras possíveis combinações, de forma a promover a melhoria de produtividade e de qualificação dos produtos cultivados e comercializados. Com ações no sentido de gerar conhecimentos, valores e experiências duráveis capazes de criar um ambiente favorável ao desenvolvimento local sustentável.

Quanto à organização, a feira possui um regimento interno instituído em 12 de novembro de 2001, que propugna uma estruturação sistemática organizacional, estabelecendo uma Comissão de Ética e uma Assembléia Geral, dispostas no Estatuto EcoSul.

A feira acontece semanalmente, aos sábados, na cidade de João Pessoa, no bairro do Bessa. Possui uma infra-estrutura que conta com barracas padronizadas e uniformes. O transporte das mercadorias é feito por um caminhão F-4000 alugado.

As feiras agroecológicas surgiram como alternativa de resistência às imposições do modo de produção capitalista de maior produtividade da agricultura, com o cultivo intensivo do solo, monocultura, irrigação por inundação, aplicação de fertilizantes inorgânicos, controle químico de pragas e manipulação genética de plantas cultivadas. As conseqüências desse modo de produção são por demais conhecidas: degradação ambiental com erosão dos solos, destruição de paisagens, diminuição e poluição das reservas de água e assoreamento dos rios, etc. Pela ótica social, a *industrialização da agricultura* desestrutura a diversidade dos sistemas de produção, pois elimina a biodiversidade agrícola; concentra terra; provoca o êxodo rural dos que já habitavam historicamente esses territórios, especialmente os camponeses.

Na contracorrente desse modelo, existe um campo de forças que inclui movimentos sociais, que tem a finalidade de elevar a agricultura familiar, inspirada nas experiências de ações produtivas, valorizando a função ecológica dos serviços prestados ao conjunto da sociedade, do ponto de vista ambiental e sociocultural. Um movimento em prol da vida, que defende uma agricultura local sustentável e os princípios da agroecologia, utilizando-se de práticas agrícolas familiares voltadas para a seguridade alimentar. Ademais se deve

considerar também, que os agricultores agroecológicos oferecem à sociedade uma produção diferenciada, que conjuga a responsabilidade social com a vida do planeta e das pessoas que aqui habitam.

No entanto tais ações, só se sustentam se realizadas e mantidas pelas comunidades conscientes dos benefícios da agroecologia. Nesse sentido se insere a extensão rural, que ao focar e incentivar a produção agroecológica adquire a expressão de uma “extensão ambiental”, voltada para a segurança alimentar, tendo como resultado indireto, a melhoria da qualidade de seus produtores e consumidores. Foi com base nesses princípios que foram ministradas as capacitações acima mencionadas enquanto parte integrante do projeto “Terra para que te quero”.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Fortalecer a experiência da agricultura orgânica e ampliar a comercialização dos produtos que vêm sendo cultivados no Assentamento Apasa, tendo como princípio a sustentabilidade sócioambiental.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ampliar as ações que vêm sendo desenvolvidas para fortalecer a produção orgânica, por 20 famílias, para o conjunto dos assentados do Apasa.
- Inserir novas experiências de manejo do solo a partir da aplicação de adubos e defensivos naturais alternativos, necessário ao combate às pragas e doenças.
- Promover intercâmbios entre os assentados que produzem agricultura orgânica no Estado da Paraíba, especialmente entre os que participam das feiras agroecológicas objetivando alcançar a certificação dos seus produtos.
- Implantar cinturões de proteção natural nas áreas de cultivo vulneráveis do Assentamento Apasa,
- Ampliar a produção de composto orgânico para a adubação do solo, a partir da produção coletiva.
- Promover o melhoramento das espécies nativas a partir da criação de um banco de sementes.
- Criar mecanismos para divulgação das ações que vêm sendo desenvolvidas no Assentamento Apasa no âmbito da agricultura orgânica.
- Dar continuidade às articulações objetivando a criação de uma associação de caráter agroecológico que congregue o conjunto dos assentados que participam da feira.
- Realizar seminários, oficinas e aulas de campo visando à melhoria dos conhecimentos concernentes ao manejo e uso dos recursos naturais.
- Promover cursos de capacitação visando à melhoria dos mecanismos de comercialização assim como, a agregação de valor e agroindustrialização.
- Aumentar a produtividade e melhorar a qualidade dos produtos comercializados na feira agroecológica;
- Melhorar a organização da produção e comercialização dos produtos oferecidos na feira agroecológica;

METODOLOGIA

A metodologia adotada em todas as etapas de realização dos trabalhos de campo, enquanto princípio fundamental das atividades extensionistas, teve como base a troca de saberes entre camponeses, técnicos, estudantes e professores, através da realização de mini-cursos, da elaboração de boletins informativos, da sistematização das informações, dentre outras atividades.

Na primeira etapa, daremos ênfase a um breve relato dos cursos ministrados pelos professores capacitadores.

O curso de capacitação de processamento e embalagem de produtos agroecológicos

Este curso foi proposto e pensado visando o aproveitamento do excedente de frutas e verduras, com o intuito de oferecer um produto diferenciado e de maior valor agregado, contribuindo dessa forma, para a melhoria da renda dos camponeses que comercializam na Feira do Bessa. Além disso, propiciou estratégias que minimizassem as perdas de vegetais e frutas durante os períodos de safra.

Desde o primeiro contato, quando ocorreu uma aula prática para a compra do material a ser utilizado durante o curso, os participantes surpreenderam a equipe técnica, devido à empolgação com os conteúdos sugeridos assim como pela presença de jovens e de adultos.

As aulas transcorreram em um clima de camaradagem com trocas de experiências, como uma marca entre alunos e corpo técnico. Os camponeses mostraram o amor a terra, o orgulho de terem lutado para hoje estarem ali, revelados através do brilho nos olhos ao falarem sobre sua terra e sobre o orgulho de verem seus filhos crescendo e aprendendo a cuidar da terra que é deles. Mostraram também muita dedicação em aprender, se empenhando nas aulas, sempre trazendo dúvidas e sugerindo receitas.

Foi muito interessante o contato com esse grupo, pois nos sentimos muito bem recebidos por eles, éramos tratados não como professores, mas como amigos. No último dia de aula recebemos uma homenagem carinhosa onde os alunos falaram sobre como haviam recebido as aulas e entregaram uma carta, na qual diziam que éramos amigos e seríamos sempre recebidos como tal. O mais interessante é que a carta não possuía data para, como explicou uma jovem, não virar passado. Durante a realização desse curso deslocamos os 16 participantes do assentamento Apasa até a cidade de João Pessoa para que eles conhecessem os locais onde são comercializados as embalagens e os materiais necessários para dar início ao mesmo. O projeto doou todo o material obtido para a associação com o intuito de que ao término do curso seus participantes pudessem dar continuidade ao aprendizado adquirido e comercializar os produtos fabricados na feira agroecológica do Bessa, dentre outros espaços de comercialização possíveis.

O curso objetivou fornecer aos alunos noções básicas de higiene para manipulação segura de alimentos; conceitos importantes sobre microrganismos e legislação de alimentos; apresentação de receitas para o fabrico de doces e conservas; processamento e embalagem dos vegetais agroecológicos produzidos no assentamento, visando agregação de valor aos produtos, aumentando seu valor de venda e, assim, melhorando a renda do agricultor assentado.

Para alcançar o objetivo do curso utilizamos como ferramentas de aprendizado textos didáticos, pensados numa linguagem compatível com o nível de escolaridade do grupo. (Relato de experiência registrado por Fabíola Caciatore, ministrante do curso de capacitação de processamento e embalagem de produtos agroecológicos).

Através desse relato registramos alguns ensinamentos sobre o processamento e embalagem de alimentos, mostrando-se uma alternativa viável para melhorar o desempenho da Feira Agroecológica do Bessa.

Esse curso, de caráter essencialmente prático, contou com uma aula teórica sobre noções básicas de higiene, legislação, manipulação e segurança de alimentos. O curso foi marcado por um espaço sempre aberto a colaborações, troca de informações e idéias entre os instrutores e alunos.

Curso: Administração Rural - Gestão de Custos de Produção e Técnicas de Vendas.

O objetivo desse curso, que se deu articulado com o curso anterior, foi apresentar de forma simples, conceitos de administração da produção rural, elementos de composição e ferramentas para elaboração dos custos de produção das diversas atividades existentes no assentamento. Partimos do princípio que a partir desses conhecimentos, a unidade familiar produtiva poderá trabalhar no controle e avaliação da viabilidade financeira do seu potencial econômico, bem como administrar melhor a venda da sua produção. Teve também, como suporte, textos didáticos produzidos a partir da realidade do grupo e abordando os temas relacionados aos mesmos.

Marcaram as atividades de sala de aula as dinâmicas de grupo e jogos lúdicos com o objetivo de fortalecer estratégias e desenvolver o trabalho em equipe, melhorar a comunicação e desenvolver a habilidade de planejar. Os participantes também tiveram a oportunidade de promover discussões sobre os temas tratados e trocar experiências entre si de modo cooperativo e participativo.

Curso: Capacitação de Práticas Conservacionistas na Agricultura Tradicional

O objetivo do curso foi utilizar o ciclo de aprendizagem com os camponeses, através de oficinas e aulas teóricas com o uso da metodologia PAM (Processo de Aprendizagem Mútua), abordando a importância da Conservação do Meio Ambiente, utilização de técnicas sustentáveis e o papel dos camponeses como agentes multiplicadores. Na realização da atividade prática de suporte ao curso foram adquiridos 30 Kg de minhoca do tipo Californiana e estas foram distribuídas em 6 minhocários construídos no assentamento Apasa-PB. Para construção dos minhocários foram necessários 300 tijolos, 02 sacos de cimento, e telhas para a construção dos mesmos. Além disso, o curso propiciou aos seus participantes uma visita técnica, a uma empresa situada no município de Rio Tinto/PB que produz adubo a partir da criação de minhocas, com a finalidade de proporcionar aos participantes do referido curso um contato direto com as técnicas da minhocultura e aquisição de saberes necessários ao manejo dos minhocários a serem instalados.

O curso teve a participação de 19 camponeses, cada um recebeu material didático versando sobre as técnicas da minhocultura e participou das aulas práticas. Foram praticadas algumas técnicas visando melhorar a produção, a exemplo da produção de compostos orgânicos; técnicas para a implantação de cinturões de proteção natural que

consistem na utilização da vegetação nativa como “cercas vivas” evitando a invasão de pragas (insetos) na plantação.

Já no que concerne ao propósito de ampliação da produção, foi proposto, com base nos depoimentos da assessoria técnica da CPT, o aumento da utilização do adubo (esterco animal) ou composto orgânico a partir da concentração do gado em um curral em área coletiva, facilitando a coleta e manuseio deste adubo natural.

Considerando que a feira agroecológica vem alcançando um sucesso relativo devido à produção de alimentos ecologicamente saudáveis e preços competitivos, incluímos no projeto a implementação de mecanismos de divulgação dirigidos aos consumidores e aos próprios assentados da região. Para esta divulgação foram elaborados boletins contendo: relato histórico e imagens da experiência da Feira Agroecológica; descrição das técnicas alternativas de cultivo; exposição dos dados relativos aos valores da produção; estratégias de comercialização e análise dos impactos sociais a partir da visão dos produtores e dos consumidores.

Na segunda etapa, a metodologia utilizada refere-se aos levantamentos bibliográficos e cartográficos. Visando avaliar os benefícios advindos da implementação do projeto no assentamento, produzimos instrumentos de coleta que proporcionaram levantamento e organização dos dados a partir de leitura de relatórios e documentos oficiais do PRONAF. Também realizamos trabalhos de campo onde realizamos entrevistas com os assentados e lideranças locais

De acordo com o cronograma da pesquisa e o plano de trabalho, adotamos uma série de procedimentos metodológicos para a concretização desse trabalho, conforme detalhamento a seguir. **Leituras e fichamentos:** Buscando entender a natureza do Estado brasileiro, as intervenções das políticas desse Estado na questão agrária, o trabalho familiar, o campesinato e suas várias definições, realizamos uma série de leituras e discussões indicadas na bibliografia.

Pesquisa Bibliográfica e Documental

Nesta etapa da pesquisa, fizemos um levantamento bibliográfico de livros, monografias e dissertações que abordassem temáticas que ajudassem a melhorar nosso conhecimento, bem como, uma pesquisa em sites para posterior aquisição e construção da biblioteca na associação do assentamento Apasa-PB.

Na terceira e última etapa, relativa ao procedimento metodológico, tratamos do processo de construção dos mapas temáticos do assentamento Apasa, a construção do banco de dados em ambiente SIG (Sistema de Informação Geográfica), compondo as monografias de conclusão de curso, bem como dados da Feira Agroecológica sistematizados pela bolsista do projeto. Essa etapa explica minuciosamente os procedimentos técnicos adotados e todo instrumental utilizado, a fim de que estudiosos interessados em desenvolver pesquisas análogas e/ou complementares a esta, possam utilizar seus dados de forma conseqüente. Nessa fase, o primeiro passo foi a conversão de todo material que estivesse em formato analógico, ou seja, em papel, para formato digital. Para isso, o material cartográfico foi submetido a um equipamento scanner para digitalização e posterior vetorização. Desse processo resultaram quatro (04) arquivos digitais com extensão TIFF. Para o cobrimento total da área em apreço, foi necessário utilizar 04 cartas topográficas em escala 1:10.000, as quais, depois de digitalizadas, foram inseridas em um software de desenho auxiliado por computador – Computer Aided Design (CAD), específico para trabalho com mapas. Nessa escala, as curvas de nível apresentam-se com uma equidistância de 5 metros. Essa equidistância é entendida como a diferença

altimétrica entre duas curvas de nível, sucessivas na carta topográfica, fato que possibilita a execução de estudos em escala de detalhe.

No sistema CAD, as informações foram georeferenciadas e, ao final dessa operação, obteve-se um mosaico das quatro (04) cartas topográficas.

As informações básicas contidas nas cartas topográficas e utilizadas neste trabalho foram altimetria, rede hidrográfica e localidades. A partir da vetorização dessas informações, foi construído o mapa base para os estudos desenvolvidos.

A vetorização dos dados pode ser realizada por três métodos: automático, semi-automático ou manual. Para esse estudo, adotamos o método manual, que consiste em – partindo-se de uma imagem inserida no sistema, no caso as cartas topográficas digitalizadas – desenhar linhas recobrimdo as informações que interessam à pesquisa. Cada tipo de dado é desenhado em camadas diferentes e associadas a um tema relativo à informação vetorizada. Portanto, para a rede de drenagem, criou-se o tema hidrografia e, assim, sucessivamente.

Elaborado o mapa base, o mesmo foi exportado no formato de arquivo digital *Drawing Exchange Format* (DXF), pois possibilita sua inserção no SPRING para que, nesse *software*, fossem realizados os demais tratamentos nos dados.

No SPRING criou-se um banco de dados para armazenar todas as informações a serem trabalhadas: dados alfanuméricos e cartográficos. Esse *software* possibilitou a elaboração dos mapas clinográfico e hipsométrico.

Para a confecção do mapa clinográfico ou de declividades, foram utilizadas as curvas de nível, os pontos cotados e as redes de drenagens do mapa base, gerado através das ferramentas existentes no SIG adotado (SPRING).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos no projeto tiveram como um todo base e fundamento a troca de saberes entre o corpo técnico formado por professores estudantes e técnicos em agropecuária e os camponeses.

Um dos melhores resultados verificados no curso de Capacitação de Práticas Conservacionistas na Agricultura Tradicional foi o incremento do adubo orgânico através da produção de hortaliças e frutas, tendo como base principal a produção de húmus de minhoca, feita por meio da construção dos seis minhocários de quintal, cada um produzindo em torno de 140 Kg de húmus em ciclos de quarenta dias, se tornando viável até mesmo a comercialização do excedente de húmus na feirinha do Bessa.

A produção de doces e geléias com práticas agroecológicas resultou na criação de um grupo de doceiras, que participaram do curso de capacitação de processamento e embalagem de produtos agroecológicos, e produzem doces e geléias aproveitando as safras de frutas existentes no próprio assentamento, tentando ao máximo diminuir os custos, como foi apreendido no curso de Administração Rural - Gestão de Custos de Produção e Técnicas de Vendas. Além de diminuir os custos, a comercialização direta aos consumidores da feira cria uma relação de parceria e confiança, onde as ferramentas de interlocução são a marca maior.

Os boletins “Ecos à Saúde” constituíram ferramentas fundamentais à divulgação das atividades comerciais, culturais e a própria história do grupo. Outra ferramenta de interlocução entre os apoiadores da “Feirinha do Bessa” e os camponeses foi a criação de um link dentro da home page (<http://www.geociencias.ufpb.br/logepa/arquivos/ct-agro2004.htm>) do LOGEPA. A partir de algumas discussões acerca do conteúdo desse link optou-se por divulgar a experiência da feira, suas origens, seu local de realização, dia em que ocorre a mesma, principais produtos comercializados, seus apoios, e o valor dos

produtos comercializados. Essa ação teve como propósito a divulgação da feira agroecológica almejando melhorar a comunicação entre os apoiadores dessa experiência.

Os mapas temáticos resultantes das pesquisas realizadas foram os de: localização da área de estudo, dados socioeconômicos, uso e ocupação do solo, esboço geomorfológico, rede hidrográfica e localização das nascentes, seguido da criação e atualização de um banco de dados, sobre a produção e comercialização dos camponeses participantes da feirinha do Bessa, no período de Dezembro de 2002 a Abril de 2006.

Constituiu um dos resultados do projeto os dados de comercialização dos produtos no período acima citado em forma de tabelas conforme pode ser observado a seguir:

Tabela 01 - Valores relacionados à comercialização dos produtos agroecológicos na feira do Bessa. Fonte: Relatório Técnico da CPT – 2006

De acordo com a tabela podemos observar que o ano de 2003 foi o de mais significativo índice de comercialização dos produtos; já em 2004 houve um significativo declínio dessa atividade e em 2005 ocorreu um relativo aumento dos produtos e do ganho monetário. O declínio registrado em 2004 deu-se em decorrência de vários fatores, dentre eles destacamos: a mudança de localização da feira que anteriormente era realizada na Avenida Presidente Nilo Pesanha, e atualmente encontra-se na Avenida Governador Argemiro Figueiredo, e a diminuta oferta de hortaliças no local de comercialização ocasionada por fatores climáticos relacionados à estiagem. Avaliamos que contribuiu, também, para uma queda nas vendas a mudança do local da feira que levou a uma redução no número de freqüentadores da mesma.

A mudança do local da feira foi resultante de um desentendimento entre os produtores, na medida em que houve resistência por parte de alguns deles em produzir dentro dos princípios da agroecologia. Sobre esse tema os organizadores da feira e os camponeses, adotaram alguns critérios que fundamentam a escolha da agroecologia e que estão dispostos no parágrafo 16º do Regimento Interno da Feira Agroecológica do Litoral Sul – PB, de 22 agosto, de 2003 que propugna: “Participam da feira agroecológica os agricultores organizados que pretendem desenvolver uma prática voltada ao cultivo agroecológico e que estão de acordo com a preservação e cuidados com o meio ambiente, num processo de envolvimento de toda a família”. Esse mesmo regimento, no seu artigo 24º, parágrafo único também prevê que “Será expulso da feira todo aquele ou aquela agricultor ou agricultora que vier comercializar produtos com uso de agrotóxicos”. Esses

princípios visam dar credibilidade aos produtos comercializados pelos assentados que fazem a feirinha do Bessa, além de fortalecer a idéia de uma certificação participativa.

A coluna receita anual do fundo de feira de 5% demonstra os valores recolhidos a cada final de feira onde cada produtor contribui com 5% do lucro bruto do que é comercializado. Esse recurso é utilizado pelos assentados que participam da feira de várias formas, dentre essas destacamos: empréstimo sem juros, despesas extras, deslocamento para outras cidades a fim de participarem de reuniões e eventos ligados à agroecologia e à resolução de eventuais demandas relacionadas ao bom funcionamento da feira. A coluna número de feiras demonstra que existe um compromisso dos assentados com a frequência de realização das feiras desde sua primeira exposição até os dias atuais, totalizando 175 feiras realizadas entre dezembro de 2002 a abril de 2005.

CONCLUSÃO

A adoção da agroecologia como uma filosofia de vida e uma referência à produção agrícola, assim como a adoção de estratégias de comercialização e de convivência social pautadas no respeito à vida contribuirão, no Assentamento Apasa, para uma maior integração e valorização da relação campo-cidade. A comercialização direta dos produtos na “Feirinha do Bessa” eliminou a “figura” do atravessador e gerou possibilidades de efetivo aumento de renda e, por conseguinte, uma melhor qualidade de vida aos camponeses envolvidos neste processo. Aos cidadãos que apóiam a feira e compram na mesma cabe a tranquilidade da aquisição de produtos frescos e saudáveis. Além do que, a ida à “feirinha do Bessa” mais que um momento de compras é também de troca de receitas medicinais, da aquisição de receitas culinárias e das conversas informais de grande aprendizado.

Os camponeses têm feito desse espaço também um lugar para desmistificar a velha imagem construída pela mídia de que assentado é preguiçoso. A continuidade da feira em três anos consecutivos é a mais eloqüente prova disso.

Cabe dizer que os ganhos econômicos não são os mais importantes. A produção limpa, a preservação da vida enquanto princípio para a manutenção da biodiversidade trouxe novos horizontes que precisam ser apoiados via políticas públicas conseqüentes, onde essas práticas sejam valorizadas e a relação campo-cidade seja cada vez mais estreitada em laços de solidariedade e confiança mútua e na busca de um verdadeiro projeto de reforma agrária que possibilite ao nosso país um passo a mais em direção à verdadeira cidadania. O Projeto Terra Para Que Te Quero tem contribuído através da sua equipe para a construção dessa via da Agroecologia proposta pelos camponeses em parceria com a Cáritas Nordeste e a Comissão Pastoral da Terra – CPT. Nosso relato nesse evento visa também ampliar interlocução e as possibilidades da incorporação de novos saberes.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Manual do Plano Safra para a Agricultura Familiar 2003-2004**. Brasília, DF: 2003, 48 p

DENARDI, R. A. Agricultura familiar e políticas públicas: alguns dilemas e desafios para desenvolvimento rural e sustentável. In: **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. Vol. 2, n. 3. Porto Alegre: [s.n.], 2001. 16

MARTINS, José de Souza. Clientelismo e corrupção no Brasil contemporâneo In: **O Poder do Atraso: ensaios da sociologia da história lenta** .São Paulo: HUCITEC, 1994.

LIMA, A. B. Assentados **Rurais: Estratégias Autônomas de Desenvolvimento e Políticas Públicas**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia: AGB, 2004. Comunicações Coordenadas. 1 CD.

MARQUES, M. I. M. **A atualidade do uso do conceito de camponês**. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13., João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: AGB, 2002. Comunicação Coordenada. 1 CD.

LIMA, A. B. **Potencialidades do Assentamento Apasa: estratégias de resistência e desenvolvimento local**. [Monografia de Graduação] Universidade Federal da Paraíba, 2005. 97 p.

RODRIGUES, M. F. F. **A presença histórica da economia camponesa na sociedade brasileira**. João Pessoa: UFPb, 2004. (mimeo).

RODRIGUES, M. F. F. . **O Campesinato do Nordeste**. In: Horácio Martins de Carvalho. (Org.). O Campesinato no Século XXI. 1a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005, v. I, p. 1-408.

RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira. **Terra camponesa como recriação - Genealogia do Lugar e da Paisagem. 1995**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Cláudia Simoni Velozo da. **Caracterização Geomorfológica do Assentamento Apasa**. [Monografia de Graduação]. Universidade Federal da Paraíba, 2006, 96 p.